



INTIMIDADE, TRATAMENTO DA MULHER E A IGREJA NO BRASIL COLONIAL: BREVES APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS

Luciana Rodrigues de Souza¹, Amanda Dutra Hot².

¹ Graduanda em História, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu, lucianarodrigues214@gmail.com

² Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu, amanda_duhot@yahoo.com.br

Resumo - Objetiva-se com este trabalho abordar, a partir de uma perspectiva de discussão bibliográfica, o dia a dia vivenciado pelas mulheres, no período colonial brasileiro, enfatizando como a igreja e suas influências religiosas afetaram seus comportamentos. Tenta-se explicar tal relação e convivência e quais foram as formas de intimidade entre os casais. A despeito do papel importantíssimo da igreja em nossa sociedade contemporânea, nossa proposta refere-se ao seu papel em tempos coloniais. Verifica-se como a igreja se articulava para influenciar as diferentes relações sociais, como a convivência familiar, por exemplo. Visa-se, com isso, apresentar um panorama de uma das áreas de influência da Igreja Católica, como difusora de dogmas e opiniões que se perpetuam na atualidade, a partir de algumas das produções bibliográficas sobre a temática.

Palavras-chave: Igreja; Influências; Mulheres; Brasil Colonial; Sociedade.

Área do Conhecimento: História do Brasil Colonial.

INTRODUÇÃO

No princípio da colônia, os portugueses vieram ao Brasil com a intenção de colonizar as terras. Faziam visitas curtas, rapidamente, observando - as e voltavam a Portugal com suas constatações. Aqueles que primeiro chegaram para colonizar as terras portuguesas foram os desclassificados da metrópole. O sentimento de viver na colônia, de chegar e habitar, não era muito aceitável, na verdade, tal processo gerava um incômodo muito significativo, como o afirma Novais:

Ora, ao mesmo tempo, é essa estrutura fundante que lastreia o por assim dizer sentimento dominante do viver em colônias, ou seja, essa sensação intensa e permanente de instabilidade, precariedade, provisoriedade, que se expressa por todos os poros de nossa vida de relações. (NOVAIS, 1997, p.31)

O incômodo justificava-se porque viver em colônias significava viver fora da abundância e dos costumes metropolitanos. Não se tinha acesso às roupas, utensílios domésticos, algumas comidas, domicílios, higiene e até as formas de relacionamentos sociais, essas escassas e diferentes de Portugal. Para então falar de ambiente familiar, temos que entender sua

formação: geralmente esses sobrados e vivendas (casas habitadas pelas pessoas da colônia) eram compostos por famílias de pais com filhos, sem a esposa; mãe com filhos, sem o marido; famílias com os escravos; escravos e agregados; enfim, diferentes formas de “organização familiar” (ALGRANTI, 1997, p.87). Outro ponto que merece atenção é a relação social de público e privado. O modo de relacionamento entre os indivíduos e o tratamento dado às mulheres.

A igreja teve uma influência significativa na sociedade colonial. Ela regrava a convivência, a atitude de homens e mulheres, as atividades culturais e as relações sexuais do matrimônio. A igreja católica repudiava atos considerados pecaminosos, como algumas posições praticadas entre os casais e a relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo. Nas palavras de Mary del Priore

O sexo admitido era restrito exclusivamente à procriação. [...] Certas posições, vistas como “sujas e feias”, constituíam pecado venial, fazendo com os que “usam de tal mereçam grande repreensão, por serem piores do que brutos animais, que no tal ato guardam seu modo natural”, dizia a Igreja. (PRIORE, 2011, p.43)

As mulheres, além de serem condicionadas a obedecer a Igreja Católica e seus mandamentos,

tinham também uma parcela de culpa nos atos dos homens dessa sociedade colonial. Eram consideradas diabólicas, principalmente quando cultivavam a aparência. Vaidade feminina era sinônimo de luxúria, a igreja criminalizava esses atos, segundo Mary del Priore (2011), com penas infernais.

Partindo de tais perspectivas, o presente artigo realizará uma breve discussão bibliográfica sobre como se relacionavam intimidade, mulheres e Igreja Católica no Brasil Colonial, a partir das obras de alguns renomados estudiosos sobre a temática, como Ronaldo Vainfas, Mary del Priore, Leila Algranti, Fernando Novais e Gilberto Freire.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Formação familiar e a Igreja

Os jesuítas chegaram às terras brasileiras com a missão de catequizar sua população. O país era completamente diferente de Portugal. A cultura dos nativos não se coadunavam com a de Portugal e o objetivo desse era o de trazer a moralidade religiosa europeia para os nativos. Alguns anos depois, os portugueses chegaram com a intenção de colonizar essas terras, mas sem a intenção de permanecerem aqui, eram apenas semeadores e, segundo Sérgio Buarque de Holanda, tinham a intenção de explorar momentaneamente os frutos dessa colônia (HOLANDA, 1995, p.102).

Não sendo fácil o retorno à Portugal, esses colonos tiveram a função social de formar uma civilização para habitar o lugar, formando famílias com os nativos da terra. Para enrijecer tal sistema, utilizaram-se da miscigenação como uma espécie de plano de dominação e aproximação desses indivíduos (NOVAIS, 1997, p.29).

As índias eram as mulheres que, no primeiro momento, se entregavam aos colonos em troca de utensílios, mas não somente, tal entrega fazia parte de sua cultura, como sugerido no fragmento seguinte.

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes, indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou

um caco de espelho. (FREIRE, 2013, p.160)

Podemos perceber que nem mesmo as autoridades sacerdotais conseguiam se manter longe dos anseios da carne. Os colonos tinham uma forte atração por essas índias e, tal aproximação e miscigenação, se dera, não somente pela beleza das nativas ou ainda pela falta de companhia e formação familiar, mas, principalmente pela necessidade de dominação, via miscigenação. Não é ousado afirmar que juntou-se o útil ao agradável: as índias sentiam a necessidade de se juntar à raça superior e essa, por sua vez, a necessidade de dominar.

O sacramento do casamento era algo importante para a Igreja, mas somente a elite conseguia tal sacramento. O domicílio era o ambiente onde a família passava a maior parte do seu tempo e era o lugar onde as mulheres se socializavam. Essa intimidade, a que nos aludimos aqui, existia somente na Europa, a colônia não conhecia esse significado: prazer, sensualidade e pudor eram palavras inexistentes, que somente um século depois teria algum efeito nessa sociedade.

As mulheres casavam, tinham seus filhos, cuidavam da casa e a igreja permanecia a sua vigília em torno delas. Era bastante comum a vaidade, índias e mulheres brancas tinham esse hábito, mesmo com a “pobreza material” (PRIORE, 2011, p.28) existente. A igreja se preocupava e associava à mulher ao pecado e às forças diabólicas. Essa era a representação da mulher que se preocupavam com a aparência.

No afã de controlar de perto a vida dos fiéis, a Reforma Católica não se limitou a reafirmar dogmas e regras sobre o casamento, a fim de difundir-os como norma geral. Foi além e preocupou-se, como jamais o fizera, com a vida das famílias, as relações entre pais e filhos, maridos e esposas, os sentimentos domésticos, a convivência diária nos mais variados aspectos. (VAINFAS, 2010, p.36)

O estado impunha à igreja, que por sua vez era agente de organização da sociedade, através de seus dogmas, influenciando as famílias. Não bastava catequizar os indivíduos, exceto negros e escravos, no princípio do Brasil colonial, as autoridades católicas exigiam as penitências e confissões dos pecados cometidos, porque dessa forma “era possível ter controle da

consciência" (VAINFAS, 2010, p.36 e 37) daqueles fiéis, no livro *Trópico dos Pecados*, Vainfas relata muito bem todos os aspectos pecaminosos. Essa autoridade exercida pela igreja é só uma pequena parte do que ela implementava.

A primeira forma de intimidação usada pelos Jesuítas foi por pinturas nas igrejas e imagens em livros, essas gravuras remetiam ao inferno, tudo por conta da fiscalização social. Em *Histórias Íntimas*, Priore aborda os principais pontos a que os clérigos faziam sua vigília: de higiene pessoal à tipos de relações sexuais. O prazer sentido pela mulher era inaceitável pela igreja, e a dor do parto era forma de castigo para essas mães, "enfim, o prazer feminino era considerado tão maldito que, no dia do julgamento final, as mulheres ressuscitariam como homens [...]" (PRIORE, 2011, p.35).

2. O tratamento da Igreja para com a mulher

Baseado em conceitos sociais e religiosos, a mulher, na história da humanidade, teve sempre um papel secundário: "A velha amiga da serpente e do Diabo" (PRIORE, 2011, p.29), era assim que a bíblia exprimia a mulher e os clérigos compartilhavam dessa mensagem para com a sociedade, principalmente com as próprias damas. Essa imagem fora fortalecida pela nudez e poligamia das índias, no início da colonização.

Confirmamos no começo desse trabalho que a vaidade e sua importância era algo grave e atijava a cobiça dos homens. A cristã ideal para a igreja seria a mulher européia, porque as nativas eram cheias de impurezas e desejos sexuais, muitas delas satisfaziam os desejos dos colonos e eram as índias que eles procuravam no momento da necessidade carnal.

À fornicção tropical não faltaram, pois, normas bem rígidas. Índias negras e mulatas, reduzidas à prostituição velada ou explícita, degradadas em graus variáveis, assimiladas às "solteiras do mundo", tais eram as mulheres que "atenuavam" o pecado da fornicção na sociedade colonial. (VAINFAS, 2010, p.96)

As mulheres brancas vieram para o Brasil e eram consideradas Marias, pois remetiam à santidade e pureza, ao contrário das nativas e escravas. "Em vez de receber uma educação formal, elas eram treinadas para o casamento - para administrar a casa, criar os filhos, e tolerar as relações extramatrimoniais do marido com as

escravas" (COSTA *apud* DE SOUZA *et al.*, 2000, p.486).

Os desejos dos indivíduos dessa sociedade colonial, especialmente os desejos das mulheres, podiam ser sanados, não somente com os castigos divinos, mas também com tratamentos médicos. Tais tratamentos variavam de medicações tópicas até cirurgias invasivas. Remédios eram feitos com ervas e outras especiarias naturais; massagens para conter o calor sexual também eram feitas com frequência. Os sintomas de ardência sexual eram dor de cabeça, problemas no estomago, insônia. "Dormir só de lado, nunca de costas, porque a concentração de calor na região lombar desenvolve excitabilidade aos órgãos sexuais" (PRIORE, 2011, p.31).

Outro ponto para afastar a mulher do pecado, era afastá-las de seu corpo, elas não poderiam ver a sua própria nudez, banhos eram feitos com roupas, a vagina era reconhecida apenas como órgão reprodutivo. As que higienizavam reparando seus pelos pubianos eram consideradas prostitutas, apenas as mulheres que eram livres e dormiam com outros homens eram quem cuidava dessa parte íntima.

O prazer feminino não podia existir já que, na perspectiva da igreja Católica, ela era feita para gerar, ser mãe, e a dor do parto era o castigo por esse prazer, como falamos no tópico acima. "Ninho de pecados" (PRIORE, 2011, p.35), era o tratamento dado às mulheres, pois entendia-se que elas chamavam a atenção masculina, fazendo-os pecar. Nesse caso, eram também responsáveis pelo sofrimento e fracasso desses colonos.

Carinhos e beijos eram considerados pecado, isso porque carne com carne aumentava o desejo sexual. As práticas de relações íntimas eram controladas, método contraceptivo e abortivo era considerado falta grave. O único modo de prazer permitido pelas normas da Igreja era prolongar o coito com carícias a fim de obter a ejaculação, nada mais que isso, inclusive tais práticas eram realizadas com roupas. Procriação, esse era o termo e o motivo de se ter relações íntimas. Muitas posições eram regradas pelos clérigos.

Relações com pessoa do mesmo sexo era condenável, motivo de inquisição, levava à fogueira. Algumas mulheres, assim como alguns homens, mantinham a relação com outras mulheres, às escondidas. Houve confissões de lesbianismo, mas era muito difícil serem descobertas, pois eram consideradas amigas. Muitas relações foram acobertadas pela amizade entre essas mulheres, o que facilitava o pecado e o segredo. Um pecado herético e condenável:

Fanchonos e mulheres nefandas, os indivíduos que vimos transgredir o uso natural do corpo cairiam, a partir do século XVI, na alçada do Santo Ofício em todos os domínios do império lusitano (VAINFAS, 2010, p.234).

Para poder fugir das normas da Coroa e da Igreja, as mulheres saíam escondidas em busca de seu espaço:

A costumeira reclusão das donzelas de família e a permanente vigilância a que estavam expostos todos os seus passos tornavam missas, procissões, ladainhas e novenas ocasiões sedutoras, para as quais contribuíam os moleques de recado e as alcoviteiras, ajudando a tramar encontros. (PRIORE, 2010, p.49).

Aos poucos, a Igreja Católica perseguia a vida de seus fiéis, dentro e fora do casamento.

METODOLOGIA

Levando em consideração o papel do historiador de ogro que sente cheiro de carne humana (BLOCH, 2001, p. 54) nos propomos a “invadir” a intimidade das pessoas por meio desta leitura a contrapelo e demonstrar como a aforma de compreender as mulheres no passado calca, em parte, a desigualdade inerente ao gênero em nosso presente. A forma como as mulheres eram tratadas na colônia, assim como hoje, está ligado também a que estrato social pertencem.

O presente trabalho analisa a bibliografia referente ao período colonial por meio de autores clássicos como Gilberto Freire, Ronaldo Vainfas e Sergio Buarque de Holanda. Por meio do método qualitativo buscamos entender como as mulheres do Brasil Colônia são interpretadas por esses pesquisadores. Usamos a pesquisa qualitativa, pois os dados analisados são baseados em consciência e memória que vivia aquelas mulheres na era intolerante da igreja católica e não em números. A forma descritiva também é utilizada para expressar esses sentimentos de exploração vivenciada pelo gênero feminino. O método dialético foi empregado nessa pesquisa, todos os fatos apresentados neste documento não pode ser empregado fora de um contexto social. Toda opressão, sentimento, exploração, mandamentos é descrito na forma em que ela ocorreu naquele

determinado contexto, uma era colonial cheia de falhas e ainda arcaica, onde as mulheres eram meros objetos aos homens e à igreja.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Na contemporaneidade, a ciência histórica se faz mais democrática. Temos uma gama enorme de possibilidades de pesquisa que partem desde as mais simples formas de convivência, o dia a dia das famílias, até as novas formas de interação no ambiente virtual. Como entendemos nosso mundo presente de forma diferente começamos também a buscar no passado padrões de sociabilidade que antes passavam despercebidos em nossas análises.

Outros caminhos são necessários para conseguirmos atingir níveis diferentes de compreensão sobre esse passado. O tema em questão, intimidade e tratamento da mulher no Brasil colonial, não é algo que se encontre facilmente nas fontes. A intenção de seus produtores, os das fontes, no período em questão nunca foi a de relatar em detalhes esse tipo de dinâmica. Apesar disso, nas palavras de Carlo Ginzburg “não é preciso exagerar quando se fala em filtros e intermediários deformadores. O fato de uma fonte não ser “objetiva” (mas nem mesmo um inventário é “objetivo”) não significa que seja inutilizável” (GINZBURG, 1987, p. 20).

Feita esta ressalva, ou seja, da dificuldade de acesso a algumas fontes par ao estudo sobre a intimidade no Brasil Colonial, optou-se por buscar tais pistas a partir de pesquisas já desenvolvidas por outros historiadores.

Tanto a Igreja quanto a sociedade submetiam as mulheres ao domínio das regras de um mundo masculino. Enclausuradas dentro de suas casas ou livres em sociedade, mas dotadas de uma imagem negativa socialmente, elas sofriam de um condicionamento social que partia de todos os lados (PRIORE, 1993, p. 46 a 50). E é sobre esse viés que calcamos nossa análise. A Igreja, junto com a Coroa, fundiu seus dogmas na sociedade colonial, não muito diferente dos dias atuais. Soubemos que a sodomia, desejos, modos de viver, eram controlados pela doutrina cristã, principalmente o modo de viver das mulheres. Eram estigmatizadas e dominadas pela igreja, mas a mesma igreja que olhava com preocupação, era a igreja a qual elas conseguiam manobrar para fugir daquela realidade e tentar conquistar alguns desejos. Mary del Priore e Ronaldo Vainfas discutem muito bem as questões pecaminosas da colônia e concordam entre si sobre a imposição da igreja com sua fé.

Apenas no século XIX que as mulheres começam a ter alguma voz perante um ambiente

tão patriarcal. Outras religiões entram em contato com a colônia, com a importação de escravos de outras tradições religiosas, por exemplo, é que foi havendo um relaxamento nessas condutas da igreja para não perder fieis.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

CONCLUSÃO

Em suma, percebemos que a influência da Igreja foi muito forte e fez muitas mulheres serem vistas apenas como um objeto de procriação e destinadas apenas a permanecerem no ambiente familiar. Não votar, não sair na rua sozinha, não ficar perto de outros homens eram as condutas esperadas dessas mulheres. A inquisição mostrou-se como a melhor forma de conter os anseios sexuais das pessoas e ocorreu com muita frequência. Hodiernamente, a luta das mulheres continua, pois embora tenham conseguido muitos avanços, a igualdade entre os sexos ainda não se concretizou.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In.: SOUZA, Laura de Mello e (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DE SOUZA, Eros *et al.* A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2000, 13(3), pp.485-496.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 3a. ed. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOLANDA, Sergio Buarque de. O sementeiro e ladrilheiro. In: **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 93 a 139.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na Colônia. In.: SOUZA, Laura de Mello e (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

PRIORE, Mary Del. Da Colônia ao Império. In: **Histórias íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p.12 - 53.